



Bento XVI, um papa missionário

Os territórios de missão no mundo cresceram durante o pontificado do papa Bento XVI (na foto, em 2009 na África) chegando a 1.103 (34 a mais que no início do mesmo), segundo indicou uma fonte das Pontifícias Obras Missionárias (POM) destacando o impulso que este Pontífice deu ao âmbito social e cultural da missão da Igreja. Bento XVI, obrigado pela sua liderança em favor das Missões!



Costa do Marfim: Jovens nas CEBs (pág. 8)

A vida da missionária leiga na Ásia (pág. 4 e 5)



Crianças na Tailândia

2013, um ano repleto de ações missionárias



Mulheres, na Costa do Marfim, partilhando a comida.

O ano de 2013 será rico em eventos missionários. Todos poderão participar, rezar e agir em favor das missões Ad Gentes (pág. 2 e 3)

Prá começo de conversa

Todo o cristão do nosso país terá a grande oportunidade de participar de diversos eventos ligados às missões. Tais ações refletem a esperança da Igreja em debruçar-se sobre a ação do jovem nas comunidades. É preciso estudar o jovem, compreender sua linguagem e estimular as lideranças para serem protagonistas de uma nova Igreja, que começa aqui e perpassa em todas as atividades dos nossos missionários no exterior e na Amazônia. Eis o sentido dos eventos deste ano: sermos testemunhas da esperança.
O editor.

2013: ano com muitos eventos missionários pelo Brasil

O ano de 2013 será particularmente missionário. Dezenas de eventos estão programados para ampliar o ardor missionário dos que trabalham aqui no Brasil e também para todos os missionários brasileiros que estão no exterior ou na Amazônia.

Esta partilha de fé e dos acontecimentos proporcionará a todos os católicos, a oportunidade de uma vivência muito bonita de universalidade da Igreja, pois estaremos em comunhão contínua com todos os que labutam no exterior. Todos se sintam valorizados e a certeza de que os que aqui trabalham, o fazem para por em prática o pedido de Cristo: “Ide a todos os povos”.

Encontro Latinoamericano

O ano começou com a realização do encontro continental de todos os diretores de Pontifícias Obras Missionárias da América Latina e Caribe, no México, em fevereiro passado. Ao todo estiveram presentes 62 representantes. Foi promovido pelo Departamento de Missão e Espiritualidade do CELAM em parceria



Pe. Camilo

com as POM. Do Brasil, além de dom Sérgio Arthur Braschi, participaram o padre Camilo Pauletti, diretor Nacional das Pontifícias Obras Missionárias (POM) e a Irmã Dirce Gomes da Silva, assessora da Comissão Episcopal Pastoral para a ação Missionária

e Cooperação Intereclesial da CNBB.

Asseverou o diretor das POM Brasil que os principais temas foram os seguintes: garantir a disciplina de missiologia na formação dos seminaristas, acompanhada por experiências missionárias; promover encontros de missiólogos Latino-Americanos; dar prioridade à Ação Missionária nos planos de Pastoral das Dioceses; criar Conselhos Missionários em todos os países da América e promover encontros entre Conferências Episcopais e POM. Estas são algumas das propostas para colocar o Continente em estado permanente de Missão.

Congresso Missionário Americano

No final do ano, nos dias 26 de novembro a 1º de dezembro, será realizado o 4º Congresso Missionário Americano e o 9º Congresso Missionário Latinoamericano (CAM4-Comla9) na cidade venezuelana de Maracaibo. Segundo o diretor das POM, Pe. Camilo Pauletti, deverão participar cerca de 150 representantes dos regionais do nosso país.

Ano da IAM no Brasil

A Infância Missionária terá um destaque especial, pois estamos celebrando os 170 anos da criação desta Obra que coordena todos o movimento da infância missionária no Brasil e no mundo. O secretário Pe. André Luiz de Negreiros revela que a programação será extensa, com a realização de 132 encontros marcados



Pe. André

em todos os Estados, unindo as assessorias nacional, estadual e diocesana. O ponto alto será o mês de maio, com a realização da Jornada Nacional da IAM. Há subsídios com temas concretos, cartaz e celebrações. A IAM foi fundada em 19 de maio de 1843 e a data será celebrada em mais de 130 países.



SGAN 905 70790-050 Brasília - DF - Fone 3340.4494
E-mail: parceirosdasmissoes@pom.org.br

Jornal Digital das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil
Brasília - Março 2013 - Ano II - Nº 11

Diretor: Pe. Camilo Pauletti

Edição e arte : Jorn. Camilo Simon (Reg. Prof. n. 3248)

Ano da Juventude



Pe. Marcelo

O ano de 2013 ficará marcado para a Igreja como o ano do grande

Encontro Mundial da Juventude, com mais de 2 milhões de jovens.

Pe. Marcelo Monteiro, secretário da Propagação da Fé e da Juventude está muito esperançoso, com múltiplas atividades que serão feitas a partir da Campanha da Fraternidade, na quaresma, com o lema “Eis-me aqui, envia-me”.

Em julho, haverá a Semana Missionária que antecede à Jornada Mundial da Juventude. Milhões de jovens estarão se reunindo em suas dioceses e celebrando este momento em que a juventude toma a frente, para vivenciar sua fé nesta Igreja e de evangelizar o seu meio. Em Brasília haverá uma concentração de jovens de toda a América Latina.

Porém, o grande evento será a Jornada Mundial da Juventude, a se realizar no Rio de Janeiro, com a presença do novo papa e com a participação de jovens de todo o mundo. Ali será dada uma demonstração de força da juventude brasileira e mundial e uma resposta à evangelização da juventude. A Igreja confia no jovem como a grande esperança deste século XXI, onde deverá haver uma redescoberta dos caminhos da fé, como disse o papa Bento XVI.

Também estamos celebrando o Ano da Fé, que se estenderá até novembro próximo, conforme convite feito pelo papa.

Em outubro, teremos a Campanha Missionária que também abordará o assunto juventude, em nível mundial. O tema será “Juventude em Missão”. As Pontifícias Obras Missionárias estão preparando materiais como cartaz, novena missionária, preces e vídeos.

A Secretaria da Propagação da Fé também iniciou a pastoral de fomento de famílias missionárias e da pastoral missionária com idosos.

União Missionária

A Secretaria de União Missionária, a cargo do Pe. Jaime Patias também terá uma programação cheia durante todo o ano. O primeiro evento ocorreu em Crato, no Ceará, nos dias 31 de janeiro a 3 de fevereiro com um retiro aos seminaristas. “A



Pe. Jaime

bre a necessidade de colocar a Missão no centro da vida desde a formação.

A União Missionária promove a consciência missionária no meio dos seminaristas, dos sacerdotes e dos religiosos. Durante o ano estão programados outros eventos como os Formises que reúnem seminaristas missionários.

São Pedro Apóstolo

A Secretaria de São Pedro Apóstolo está encarregada de fomentar sacerdotes para as Missões. É preciso despertar o interesse pela educação e formação do clero local, de religiosos e religiosas para criar um ambiente favorável ao envio de padres e seminaristas, para a Missão e pela causa nas paróquias. Os sacerdotes também terão cursos específicos sobre a missionariedade, a cargo do secretário de São Pedro Apóstolo no Brasil, Pe. Sávio Corinaldesi.



Pe. Sávio

Durante o ano, Pe. Sávio fica à disposição das dioceses e paróquias para cursos, retiros para sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos.

Neiva a missionária leiga que trabalha em seis países asiáticos



Estudantes de Bangladesch

Ela se chama Neiva Hoffelder, catarinense de Joaçaba. Alta, loira, cabelos compridos, olhar desafiante, esguia, serena, meiga. De uma família de sete irmãos, foi alfabetizada em escola pública. Sua adolescência e juventude foram ligadas às causas sociais e religiosas em seu município, tanto em colégios como na faculdade. Sua maior paixão era a catequese em uma pequena comunidade.

Quando surgiu o projeto de leigos cursarem teologia, estudou em Florianópolis, por quatro anos. Na volta a Joaçaba, Neiva foi Coordenadora de Pastoral na Paróquia, por 10 anos, trabalhando com catequese, crianças de rua, prostitutas, excluídos, pastoral da mulher, pastoral da juventude, carceraria, pastoral da agricultora, portadores de HIV... passando depois a trabalhar na Pastoral Marista, com a formação de lideranças e em projetos sociais com os jovens.

Posteriormente, a convite dos maristas foi a Curitiba, onde, assumiu a responsabilidade de uma pastoral de humanização no Hospital da Santa Casa. Outra experiência foi a UNINTER, por dois anos, no Ensino à Distância, com o curso Teologia à Distância até ser convidada para o Projeto Missão Ad Gentes, em 2009, da Congregação dos Maristas em âmbito mundial. Este é um rápido perfil desta missionária leiga que foi sendo moldada no sacrifício e na luta em favor do próximo e talhada para assumir responsabilidades maiores no outro lado do mundo na Ásia.

Neiva aceitou o desafio, por sinal seu maior desafio. Dedicar parte de sua vida em um projeto às escuras, quase sem retorno, inédito em terras asiáticas, onde apenas 3 % da população é cristã, num projeto que é o de apresentar Jesus Cristo e sua mensagem para um povo, com outras

crenças de uma cultura milenar. “Estamos rodeados por um crescente fundamentalismo religioso com situações hostis ao cristianismo, ou seja: o fundamentalismo hindu; o regime comunista e a intolerância islâmica, fazendo com que tenhamos que trabalhar no anonimato e isto às vezes nos desespera, nos desencoraja a seguir a diante. Frente a tanta injustiça e falta de cumprimento dos Direitos Humanos básicos para todos, precisamos nos calar para podermos sobreviver e continuar “tentando” fazer alguma coisa, ser ao menos presença junto a este povo sofrido e abandonado na falta de tudo”.

Três grandes projetos

Neiva participa de um grupo com mais 38 irmãos maristas e três leigos distribuídos em 15 comunidades, vindos de 19 países diferentes e vivendo em seis países de missão e mais um de formação que é Filipinas. Primeiro, Neiva foi neste país para um ano de formação e aprendizado da língua. Em janeiro de 2011 começou seus trabalhos em BangKok na Tailândia e ali fixou residência.

”Minha moradia é em Bangkok, mas minha função é ajudar as comunidades nas iniciativas em projetos sobre os “Direitos da Criança e Adolescente”; “Pastoral da Juventude” e “Comunidades Eclesiais de Base”. Assim, comecei a visitar nossas 15 comunidades de missão nos 6 países onde nos encontramos, que por motivos de segurança aos que lá trabalham, é melhor não mencionar quais são estes países. Os trabalhos que temos em nossas comunidades são: Pensionatos, onde são acolhidos jovens e crianças que vão para a escola e depois tem um reforço escolar, como também aulas de inglês e computação; Centros Educacionais para atender crianças e jovens que não são aceitos nas escolas regulares por serem refugiados ou migrantes. Nestes espaços aprendem computação, línguas, matemática e artes. Em alguns espaços começa-se a organizar algo de



Crianças em Palau Tailândia

Pastoral de Juventude e acolhimento vocacional onde já temos alguns candidatos em postulando e noviciado... Em algumas comunidades temos também um trabalho junto às paróquias e colégios”.

Além de ser uma cultura totalmente diferente, com outros valores, Neiva teve que adaptar-se às comidas, muito apimentadas e ao arroz: “come-se arroz seis vezes ao dia, além de frutas e verduras”. Também a higiene não é o forte dos asiáticos. A maioria dos rios são sagrados e ali despeja-se toda a poluição das cidades. Somente 2% da água é potável. O transporte no interior dos países é extremamente precário, com ônibus lotados e ao mesmo tempo carregados de todo o tipo de mantimento e de animais. “Tive que renunciar muitas coisas em minha vida de missionária, como por exemplo pintar unhas, ter cuidado com cabelo e andar com roupas melhores”.

O trabalho de Neiva junto aos três projetos compreende além da Tailândia, alguns países ao redor como Camboja, Índia, Bangladesch. Neiva envia às comunidades farto material escrito, procurando orientar os missionários em atividades. Os problemas são múltiplos como o analfabetismo, a multiplicidade de religiões e dialetos, a prostituição infantil, a fome, a corrupção. “Temos blitz policial até para o pagamento de propina” - lembra Neiva. Relata também que o castigo corporal nas escolas é uma prática comum, difícil de ser extirpada.

Um dos problemas mais sérios é a falta do cumprimento dos direitos humanos. Milhões de pessoas na Tailândia, Camboja e outros países vivem em regime de escravidão. “Todos os países assinaram a Convenção da ONU sobre os direitos humanos, mas naquela região não são respeitados.

Ha milhões de refugiados não reconhecidos nestes países. Vivem sem direitos, sem leis, sem trabalho. Os filhos dos refugiados não são aceitos nas escolas públicas; recém-nascidos com deficiência são abandonados; adolescentes precisam se prostituir para ganhar algum dinheiro para matar a fome. O que vale mesmo é a presença. Ser um bom educador, ser uma boa pessoa, servir de exemplo, para se conquistar algo.

“Falando um pouco de minha experiência pessoal nisto tudo, creio não ser um dos trabalhos mais fáceis de realizar, porém não é impossível. A



Encontro da Juventude no Camboja



Estudantes de Bangladesch

diferença cultural e de valores são imensas e em alguns casos oposta à nossa. Isto faz com que precisemos nos despojar realmente de tudo o que vivemos e aprendemos até então em nossas realidades nativas. Isso realmente não é fácil e me faz chorar muitas vezes pedindo a Deus que me mostre os caminhos, me dê uma luz para que eu prossiga com esta caminhada”- afirma Neiva.

É preciso ser forte!

A vida para Neiva é complicada: “Muitas vezes entro em conflito comigo mesma porque preciso ser forte para propor, clara ao explicar, segura naquilo que precisa ser feito, forte na fé e muitas vezes me sinto fracassar, nula, não encontrando saídas... não consigo ver como combater, como mudar, como fazer acontecer os direitos das crianças e jovens. É nestes momentos que o coração não aguenta e as lágrimas insistem em rolar pela face... Retomo as forças para pedir a Deus que eu possa ver o que Ele quer que eu veja; escutar o que Ele quer que eu escute e sentir o que Ele quer que eu sinta, enfim que eu consiga ver uma luz no fim desta estação”.

Tudo por Deus!

E conclui: “Às vezes dizemos que é por Deus que fazemos algumas coisas em nossas vidas, por isso, tenho certeza que esta missão, é a maior de todas... mas que com todas as dificuldades que temos por aqui, me sinto abençoada por ao menos tentar mostrar para uns poucos, que a vida pode ser diferente”!

Neiva depois de ficar dois meses (dezembro e janeiro) descansando na casa dos pais Armindo e Neuza, em Joaçaba, já retornou à Ásia, visitando, desta vez, outros dois países onde os missionários vivem quase na clandestinidade. “Nossos maristas entraram como professores e ali realizam um trabalho pastoral extremamente delicado, com sérias restrições aos cristãos”.

Força Neiva! Nós cristãos brasileiros estamos contigo nesta empreitada de evangelização!

Amazônia recebe missionário de São Paulo

Mais um sacerdote partiu para a Amazônia. Trata-se do Pe. Antônio Luís Fernandes, do Regional Sul 1 da CNBB, que vai trabalhar na diocese de São Gabriel da Cachoeira. O envio foi realizado em São Paulo, no dia 31 de janeiro com a presença do Cardeal Dom Odilo Scherer, bispos e sacerdotes. Eis sua entrevista concedida ao jornalista Renato Papis.

Quando e como surgiu a ideia de ser missionário?

Existem dois momentos bem distintos da minha vocação missionária. A primeira, quando minha mãe grávida de mim no sexto mês, trabalhando no corte de cana, foi surpreendida por um temporal e não tendo tempo para voltar para o abrigo do caminhão, escondeu-se numa capela abandonada e lá, diante de uma imagem de Santa Terezinha do Menino Jesus, rezou e ofereceu a vida da criança para as missões. A segunda, quando já crescido e com capacidade de decidir, aprendi a olhar a Igreja e a sua missão a partir do modelo do grupo de Jesus que é eminentemente missionário.

O que o levou a escolher o Projeto Missionário na Amazônia, especialmente São Gabriel da Cachoeira?

A escolha pelo Projeto se deu por uma questão de comunhão eclesial: a Igreja do Brasil, a partir da CNBB sempre teve um olhar para os desafios que a Amazônia representa para a Evangelização. O Projeto Sul 1 Norte 1 abre uma porta que permite que nós, diocesanos, também realizemos esse ideal proposto pelo Vaticano II de nunca restringir a Igreja e o ministério presbiteral a um local geográfico apenas, mas sim, à extensão do Reino como um grande horizonte a ser contemplado na comunhão e na participação.

Já a minha ida a São Gabriel da Cachoeira (AM) não foi uma escolha pessoal e sim, uma adequação do próprio projeto que, atento à necessidade das dioceses e, a partir da solicitação dos bispos do Regional Norte 1,

faz as designações.

Quais são suas expectativas em relação à sua missão em São Gabriel da Cachoeira?

Costumo dizer que a frustração é irmã gêmea da expectativa... Por isso mesmo, tento evitar criar expectativa demais, pois isso pode significar algo não tão bom. O que quero, é chegar, conhecer as pessoas, a realidade, a Igreja do lugar, os agentes de pastoral que lá atuam, os diferentes missionários que dedicam suas vidas àquela Igreja, ouvir o bispo, saber das necessidades e, a partir das minhas forças e dons, tentar servir e ajudar no máximo que puder. Inegável é o fato de que a realidade por si só já se imponha: um lugar onde 93% da população é indígena, com 23 etnias diferentes, 18 línguas, das quais três são oficiais, além da língua portuguesa; onde as distâncias são imensas e as dificuldades de transporte e comunicação são grandes, claro que gera na gente uma sensação de ansiedade e diria até, de medo. Mas Aquele que me chamou é fiel (1Ts 5, 24) já dizia Paulo o grande missionário dos gentios. Todavia, deverei chegar ao lugar, e começar a olhar e descobrir o que a missão pede de mim.



Pe. Antônio Luís

Como o senhor vê a Missão, hoje, na Igreja?

Hoje a Igreja vive um tempo de maturidade acerca da missão. Muitas são as frentes missionárias assumidas

por ela. Muitos são os desafios que a Igreja tem se proposto a assumir e responder. Depois, acho que do ponto de vista teórico, o Vaticano II trouxe-nos uma riqueza imensa que abriu horizontes e possibilitou a Igreja assumir a missão como servidora e não como dona do Reino. Mas ainda nos falta a corresponsabilidade com a vida e os projetos missionários para que, os que podem ir, não sejam impedidos por falta de recursos materiais, e nem os que ficam, não se sintam dispensados de também missionar a partir do lugar onde se encontram.

Para o senhor, o que significa esse momento de partir para a Missão?

Acho que agora é entender que estou pronto para viver aquilo para que sempre me preparei. O desafio de partir nunca é fácil. Ir para uma terra e uma cultura diferentes sempre é desafiador. Mas, o sim dado, não é apenas da pessoa que vai, é também da Igreja toda que envia e acompanha o missionário. Por isso mesmo, aceito o desafio sabendo que comigo vão minha diocese, meus amigos, minha família, as comunidades com as quais trabalhei, o Regional Sul 1.

Envio do seminarista Bruno a Moçambique



Bruno vai ficar um ano em Moçambique

Embarcou rumo a Moçambique, no último dia 18 de fevereiro, o seminarista Bruno Eskopinski, da Arquidiocese de Porto Alegre. No domingo, dia 17 de fevereiro passado, em Gravataí, RS, foi celebrado o envio, com a presença do Arcebispo Dom Dadeus Grings e do auxiliar Dom Jaime Spengler, dos parentes e amigos. Bruno fará lá o seu estágio curricular, durante todo o ano de 2013.

O local escolhido foi a Missão Moma, da Diocese de Nampula. Como é costume na Arquidiocese, todos os seminaristas da Teologia, após o terceiro ano, ou quando concluem o quarto, são encaminhados pela equipe de formadores para a realização de um Estágio Pastoral, em uma das Paróquias. É claro que ele não será o único Seminarista da Arquidiocese a realizar um Estágio Pastoral neste ano. O que o distingue, é o fato de que o Bruno ter se oferecido para realizar seu estágio em Moçambique.

Em mensagem direcionada à comunidade, Bruno enfatizou seu envio como uma resposta ao chamado de Deus: “Deus me pede mais. Me pede para tudo deixar, abrir mão da presença física dos meus, do meu povo, por amor. Apenas por amor. Não estou ofertando a vida a Deus. Não é isso. Oferta significa algo do qual sou dono e minha vida nunca foi minha, a vocação nunca foi minha, sempre dEle e, agora, devolvo com gratidão para amar como sou amado”.

O seminarista disse que não irá só, que

se apoiará no estímulo e oração das pessoas que o incentivam. Ele confiou este tempo de missão a Nossa Senhora Mãe de Deus: “Não vou sozinho. Cada um de vocês, hoje, se torna missionário comigo. Mesmo que tenhamos um ano de distancia física, levo cada um de vocês comigo para a África. Lá cada pessoa que eu ajudar, cada pessoa que eu tocar, que eu amar será um de vocês a sorrir, a amar, a ajudar e ser ajudado comigo. Estamos juntos e nunca sozinhos”

Mesmo sem ter participado do I FORMISE-RS (Encontros de Formação Missionária para Seminaristas) Bruno soube que o Projeto Igrejas Solidárias: Regional Sul 3/ Moçambique, através de Dom Jaime Kohl, que havia lançado o convite/desafio aos

seminaristas para que pensassem na possibilidade de realizarem uma experiência missionária em Moçambique. Após manifestar seu interesse aos seus formadores e ser apresentado para a Coordenação do Projeto Igreja Solidárias, o Seminarista foi encaminhado para um ano de Estágio Pastoral, na Missão de Moma que compreende o atendimento de mais de 140 pequenas comunidades cristãs.

Convidamos toda a Igreja do RS e do Brasil, para que esteja em sintonia e reze, para que o Seminarista Bruno, que vai se somar a equipe missionária brasileira (Pe. Rodrigo Schuler de Souza da Diocese de Osório, Pe. João Carlos Silveira, Daniela Gamarra, ambos da Arquidiocese de Porto Alegre) que já estão em missão através do mesmo projeto, seja guiado pela Luz do Espírito Santo e abençoado por Deus e assim seja um sinal de Esperança, Ternura e de Misericórdia junto ao povo Moçambicano. (Pe. Fabiano Dalcim)



Os pais apresentam o filho Bruno

A dura vida de missionária na Costa do Marfim

Bondouku -Costa do Marfim. Este é o endereço da Ir. Teresinha Maboni, uma gaúcha de Frederico Westphalen, da Congregação das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Enviada para as Missões, Ir. Teresinha trabalha há 15 anos junto às populações mais pobres, em condições desfavoráveis, na pastoral social e promoção humana. “É um risco e ao mesmo tempo um desafio que se enfrenta todos os dias”.

A Costa do Marfim tem apenas 50 anos de independência da França. A produção maior é de café e cacau, sendo um dos maiores produtores do mundo. Os primeiros anos de independência foram de grande desenvolvimento. O presidente era católico e houve um reflorescimento da Igreja. Com eleições livres, iniciou-se uma disputa pelo poder, com facções digladiando-se. A luta pelo poder político é entre partidos. Hoje a guerra é de uma etnia contra outra e também as religiões se defrontam. A guerra já matou em torno de 5 mil pessoas. “Houve uma época que nós missionárias ficamos fechadas em nossa casa, por dois meses, sem poder sair”.

Pessoas com deficiência

A comunidade de três irmãs realiza um trabalho pastoral junto à população. “Trabalhamos com jovens através do escotismo e também na assistência aos mais fracos e desvalidos como os deficientes físicos e mentais que são frutos de casamentos entre as mesmas famílias. São as doenças hereditárias, que levam à morte, aos 35 ou 40 anos de idade. Tais deficientes são discriminados e banidos, pois como a maioria da população é animista, acreditam em culpados. A depressão, por exemplo é coisa do diabo”-relata Ir. Teresinha. Outras causas de morte são a malária e a AIDS. Ir. Teresinha passou por mais de 30 malárias. “No começo eu contava, depois parei de contar pois houve anos que tinha duas malárias por mês”.

Dificuldade de evangelização

Um dos problemas que a Igreja enfrenta é a dificuldade de evangelizar, pois o cristianismo é “coisa de branco”. E “branco” significa colonialismo, exploração, opressão. Por isso, o povo odeia tudo o que vem de “branco”. Esta tradição tem um impacto profundo e dificulta o trabalho evangélico. A estratégia de atração feita pelos missionários brancos foi o de assistencialismo, caridade, doçura. Diz Ir. Teresinha que tudo começa pela educação. Por isso, a implantação de escolas, creches e



Ir. Teresinha comemorando 25 anos de Vida Religiosa

hospitais. O povo vendo tais providências é atraído para o catolicismo que hoje já está tendo uma aceitação melhor. As conversões hoje são em torno de 500 batizados por ano, porém os que se batizam continuam com suas crenças e ritos familiares. Não há uma conversão total, um aprofundamento. O clero diocesano, autóctone é numeroso e muitas vezes pouco preparado, originando-se problemas para a própria Igreja. As missões dependem muito dos benfeitores europeus. Hoje com a crise financeira europeia, as missões foram afetadas. Lembra Ir. Teresinha que o governo do primeiro presidente apoiou muito as escolas católicas concedendo milhares de bolsas de estudo. Hoje, tudo mudou, o governo muçulmano cortou todas as bolsas de estudo e as escolas passam por necessidades.

Trabalho na roça

O povo ainda é analfabeto na sua maioria e vive da roça, ou seja, do inhame, da mandioca e do milho. Todos trabalham ainda com a enxada, de cabo curto. Vivem agachados o que é a causa de doenças da coluna de muitos idosos. O arado ainda não chegou lá, nem a luz elétrica.

Ir. Teresinha depois de 15 anos trabalhando na Costa do Marfim, tornou-se uma mulher forte, guerreira e moderna. Teve que se adaptar aos costumes, à comida, à língua e aos valores existentes no seio das famílias, que são seculares. Existia uma harmonia entre as famílias que está sendo quebrada pela guerra entre partidos. “É preciso resgatar os valores africanos familiares. Manter o povo unido”- diz.

Depois de dois meses de férias aqui no Brasil para cuidar da saúde, Ir. Teresinha regressou à Costa do Marfim para assumir também uma nova missão: cuidar de noviças. Ela conta com as preces de todos para continuar firme na missão que Deus a confiou.



A partilha da comida numa festa

Na Colômbia, são muitos os carinhos de Deus

A Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria Auxiliadora, cuja sede provincial é Passo Fundo (RS) disponibilizou missionárias em vários países do mundo e de modo particular na Colômbia, onde a Congregação foi fundada, pela Madre Bernarda Büttler.

Conta Ir. Neiva Secco, gaúcha de Getúlio Vargas que a equipe é constituída de mais duas Irmãs: Vilma Torres, de Bogotá, Luz Vasquez, de Medellín. “Fomos nomeadas pela Superiora Geral, por um quinquênio, para atender o Santuário e Museu Biográfico Santa Maria Bernarda, em Cartagena, com a missão de fazer deste espaço sagrado um centro de espiritualidade e acolher os peregrinos procedentes de todas as partes da Colômbia, América Latina, Estados Unidos e Europa”.

Cartagena é uma cidade turística, com um centro histórico fantástico, contrastando com seus bairros bastante pobres. O clima nesta região é permanentemente muito quente, com períodos de até seis meses de seca e outros períodos de chuva e enchentes. A distância entre Cartagena a Bogotá é de 1060 quilômetros, 18 horas de ônibus ou uma e meia hora de avião.

O povo é uma mescla de espanhol com indígenas e negros. Predominam os mestiços. Sua cultura é tradicional, com forte religiosidade popular. São pessoas bonitas de pele morena, boas e muito educadas, pelo que não se entende uma guerrilha que se prolonga por mais de sessenta anos, neste país tão bonito e próspero. Esta guerrilha interminável entre as FARC e as forças do governo é a maior causa de sofrimento, uma verdadeira tragédia para este povo simpático e maravilhoso.

Missão

A missão que a equipe realiza é emocionante. Relata Ir. Neiva que “as vezes vibramos com as pessoas que vêm para agradecer a Deus favores recebidos por intercessão de Santa Maria Bernarda. Outras vezes trancamos as lágrimas, ouvindo as tragédias de pessoas que vêm pedir socorro a Deus por intercessão de mesma santa. Rezamos com eles, os abençoamos e lhes oportunizamos uma bonita experiência espiritual visitando o Santuário e o Museu”.

No entanto, existem também dificuldades. Para Ir. Neiva “dificuldades existem em todas as partes. Quando chegamos a um país diferente nos deparamos com uma língua que não é a nossa e para falar temos que pensar e planejar cada palavra e cada frase que vamos dizer. A língua entrava, não é fluente”. Outras dificuldades são as diferenças culturais, principalmente a comida, a cujo sabor



A equipe de trabalhos

nosso paladar não está habituado. Com o passar do tempo tudo vai se acomodando.

É bonito observar as diferenças de culturas, tradições, costumes e confrontar com as de nosso povo. Não são nem melhores, nem piores, são apenas diferentes. Isso nos faz pensar, refletir e ir purificando muita coisa dentro de nós e admitir que haja outras maneiras de pensar, de falar, de agir, de ser e de viver. Outro tipo de Igreja, outro tipo de povo, outro tipo de cultura.

Então surge o desafio de aprender a conviver com o diferente sem criar conflitos para nós mesmos ou para os outros. Aprender acolher, respeitar e valorizar o que é dos outros, nos enriquece. Com isso vamos agregando vida à nossa existência e encontrando novas razões para viver. Vamos construindo uma vida que se torna cada dia mais bonita

e suave.

Pessoa de esperança

Para Ir. Neiva, “ser missionária é estar disponível a servir com amor, lá onde Deus me pede e os irmãos me necessitam. Ir aonde ninguém quer ir e fazer aquilo que ninguém quer fazer. É ser uma humilde operária a disposição do “Patrão” Deus. Tudo isso tem como pano de fundo a Fé que eu busco fortalecer através da oração, da Palavra de Deus, do cultivo das relações comigo mesma, com Deus, com os irmãos e com a criação. Procuo ser uma pessoa de esperança, gostar do que faço e fazer tudo com alegria e entusiasmo”.



Santuário Santa Bernarda

**Ser missionária
é ir onde ninguém
quer ir
e fazer aquilo
que ninguém
quer fazer**

“Precisamos de mais missionários para a Amazônia” - afirma Cardeal Hummes

O Cardeal dom Cláudio Hummes, presidente da Comissão Especial para a Amazônia, apresentou uma série de informações sobre suas visitas a várias dioceses. Ele disse que um dos mais contundentes apelos é o da necessidade do envio de padres para ajudar na missão.

“Precisamos de missionários e missionárias”, foi o que dom Cláudio afirma ter ouvido dos bispos das dioceses onde esteve. Ainda assim, confirmou o cardeal, são igrejas corajosas e que realizam um grande trabalho. E fez a ressalva que a situação de alguns lugares onde o clero é autóctone e bem forte. Dom Leonardo Steiner, secretário geral da CNBB, lembrou que é tarefa da entidade acompanhar a situação da Amazônia e que a presença do Cardeal



Reunião dos bispos em Brasília

tem sido de grande significado. Dom José Belisário, vice-presidente da CNBB, também realçou o impacto positivo que a ação da Comissão Especial para a Amazônia tem provocado em vários lugares.

Religiosa brasileira trabalha com apenados nos Estados Unidos



Ir. Elisângela com a bandeira do Brasil

Ir. Elisângela Machado é gaúcha de Tapes. Pertence às irmãs Bernardinas e trabalha na

Arquidiocese de Newark, Nova Jersey, nos Estados Unidos. Foi convidada pelo Bispo Edgar Cunha para liderar um grupo de formação para imigrantes. Também participa da formação da COMADE - Comissão de Apoio ao Detento, nas cidades de Newark e Elizabeth.

Ir. Elisângela relata que participou de um sábado de formação na Igreja Metodista com uma Pastora amiga e companheira na luta de apoio aos detidos pela imigração em Newark e Elizabeth. “Fizemos um sábado de aprofundamento sobre do que se trata fazer parte de uma Pastoral Carcerária nos EUA. Uma das mais desafiantes áreas de trabalho onde venho aprendendo e colaborando com minha experiência vivida”.

Agência Fides, 85 anos a serviço do mundo missionário

O Povo de Deus através da imprensa, com a finalidade de suscitar a cooperação missionária por meio das vocações, da comunhão espiritual e dos meios materiais: esta é a finalidade que levou a Pontifícia Obra de Propagação da Fé, na Assembleia do seu Conselho Superior (abril de 1927), a fundar a Agência.

A Fides iniciou a sua atividade no mesmo ano, logo depois da festa de São Francisco Xavier, Padroeiro das Missões, que foi também um dos maiores protagonistas da informação missionária. Nas primeiras edições em inglês, francês e polonês (esta última por breve tempo), seguiram as edições em italiano (1929), espanhol (1930) e alemão (1932). Com a chegada da internet, que substituiu o papel impresso, se acrescentaram as edições em chinês (1998), português (2002) e árabe (2008).

O Relator-Geral do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização, cardeal Donald William Wuerl, na sua “Relação após a Discussão”, afirmou: “Muitos padres falaram da importância dos meios de comunicação social, em especial dos novos meios eletrônicos, quando a Igreja se empenha no seu ministério de proclamação da Boa Nova”. Uma observação que reafirma a validade e o empenho da Agência Fides para a missão Ad Gentes e para a Nova Evangelização no terceiro milênio. (www.fides.org)